



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC
JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

Andressa Cardoso Alves dos Reis

CULTURA NO QUADRADO
Telejornal de Cultura

Brasília – DF

2022

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC
JORNALISMO

ANDRESSA CARDOSO ALVES DOS REIS

CULTURA NO QUADRADO
Telejornal de Cultura

Memorial descritivo do produto apresentado ao Curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Márcia Marques

Brasília - DF

2022

ANDRESSA CARDOSO ALVES DOS REIS

CULTURA NO QUADRADO
Telejornal de Cultura

Memorial descritivo do produto apresentado ao Curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Aprovado pela Banca Examinadora em outubro de 2022.

Prof. Dra. Márcia Marques
Orientadora - FAC/UnB

Ana Elizabeth Almeida Gomes
Ministério da Saúde

Prof. Dr. Domingos Savio Coelho
IP/UnB

Prof. Dra. Luciane Fassarella Agnez
FAC/UnB
(SUPLENTE)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado o dom da comunicação e a possibilidade de chegar até esse ponto em que me encontro. A fé realmente move montanhas e, quando estava em momentos de crise, foi o que me conduziu até o meu objetivo e me manteve firme.

Agradeço também a professora Márcia Marques, minha querida orientadora, com quem tive uma relação de muito afeto ao longo do curso. Educadora que me abriu a primeira porta para pesquisar sobre acessibilidade e inclusão na comunicação, logo no início da faculdade, e que apesar de muitos contratempos me acompanhou até o fim dessa jornada universitária.

À equipe da TV Cultura Brasília, fica aqui registrado meu eterno obrigado, afinal sem todo o seu aporte, esse projeto não seria como sempre sonhei. Obrigada, em especial, ao produtor Olímpio Bisneto por ter acreditado no meu potencial e me escolhido para estar na posição que me encontro, o que me permitiu realizar esse trabalho. Agradeço, também, a America Melo e Dino Maia, responsáveis pela TV; ao Ruan Carlos, meu querido amigo técnico em telecomunicações; ao Dayan Pires, cinegrafista; e ao José Carlos de Andrade, editor excepcional. A TV Cultura foi uma família que me abraçou e me deu a oportunidade de chegar em lugares que não imaginava ser possível.

Por falar em família, não poderia deixar também de agradecer aos meus pais, que, mesmo sem condições financeiras ou estudos, sempre me motivaram e me deram a melhor educação pública do Distrito Federal. Passamos por muitas crises juntos, mas nem todo sofrimento do mundo foi capaz de me afastar dos estudos. Portanto, meu maior agradecimento é dedicado a eles, e aos inúmeros sacrifícios que fizeram, para que eu pudesse ter uma vida digna através da educação.

Por fim, gostaria de agradecer a FAC como um todo. Professores, mentores, técnicos e todos os servidores, muito obrigado por terem contribuído diretamente ou indiretamente na minha formação. Atualmente, me sinto preparada para quaisquer desafios em minha carreira.

RESUMO

O *Cultura no Quadrado* é o telejornal de cultura, desenvolvido para a TV Cultura Brasília, a fim de complementar sua programação local. Este memorial consiste na apresentação do processo de criação do programa e da reportagem *Cultura Acessível* - episódio piloto da primeira temporada. O projeto aborda a experiência de pessoas com deficiência (PcD), auditiva em sua maioria, em shows, eventos e produções culturais do Distrito Federal, retratando suas dificuldades. Através de entrevistas e dados levantados, a reportagem trata sobre o modelo ideal de cultura inclusiva e foi desenvolvida para ser um modelo de comunicação acessível. O telejornal estreou dia 14 de setembro e segue sendo transmitido semanalmente pela TV Cultura Brasília, no canal 5.1.

Palavras-chave: Inclusão; Acessibilidade; Cultura; Pessoa com Deficiência; Reportagem; Telejornal

ABSTRACT

Cultura no Quadrado is the culture news program, developed for TV Cultura Brasília, in order to complement its local programming. This memorial consists of the presentation of the creation process of the program and the report *Cultura Acessível* - pilot episode of the first season. The project addresses the experience of people with disabilities (PwD), mostly hearing impaired, in concerts, events and cultural productions in the Federal District, portraying their difficulties. Through interviews and data collected, the report deals with the ideal model of inclusive culture and was developed to be an accessible communication model. The newscast premiered on September 14 and continues to be broadcast weekly by TV Cultura Brasília, on channel 5.1.

Keywords: Inclusion; Accessibility; Culture; Person with Disabilities; Reporting; newscast;

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	8
2. Problema de pesquisa.....	10
3. Justificativa.....	11
4. Definição dos objetivos.....	12
4.1 Objetivo geral.....	12
4.2 Objetivos específicos.....	12
5. Referencial teórico.....	13
5.1 Cultura.....	13
5.2 Pessoa com deficiência.....	14
5.3 Terminologia das palavras.....	15
5.4 Acessibilidade	15
5.5 Telejornalismo	17
6. Procedimentos metodológicos.....	18
6.1 Definição do episódio piloto	19
6.2 Pré-produção.....	19
6.3 Produção.....	20
6.4 Pós-produção.....	21
7. Considerações finais.....	21
8. Referências.....	24
9. Apêndices.....	26
9.1 Pauta.....	26
9.2 Demanda Secretaria de Cultura.....	27
9.3 Espelho do Episódio Piloto.....	29

1. APRESENTAÇÃO

A economia criativa no Brasil conta com 34 milhões de trabalhadores. De acordo com o Ministério do Trabalho, o setor representa 3% do PIB brasileiro. Ainda segundo a pesquisa "Panorama da Economia Criativa do Distrito Federal", realizada pela Universidade Católica de Brasília (UCB), a Secretaria de Turismo do DF (Setur) e a Federação de Bens, Serviços e Turismo (Fecomércio), aponta que na capital federal, cerca de 9 mil pessoas trabalham no setor. Apenas em 2021, o Fundo de Apoio à Cultura do DF investiu R\$152 milhões em iniciativas culturais.

Brasília é nacionalmente conhecida por sua produção cultural, intitulada em muitos momentos como a capital do rock, berço de muitos artistas de projeção nacional e internacional. Portanto, é impossível ignorar uma característica tão importante da cidade. Estes foram fatores decisivos, que levaram a criação do telejornal Cultura no Quadrado. Assim, o presente memorial consiste em um registro dos procedimentos que levaram à consolidação de um programa de cultura, desenvolvido para complementar a grade da TV Cultura Brasília.

A praça Brasília, da emissora Cultura, já estava estabelecida na capital federal desde 2021, porém sua programação local ainda não estava definida. Portanto, todo o material era enviado por São Paulo, apenas o TVC Notícia era produzido localmente. Aos poucos, novos programas começaram a ser criados, porém nada voltado para o setor cultural, até que me propus a apresentar a primeira proposta.

O *Cultura no Quadrado* nasce então, a partir das minhas inquietações acerca de assuntos importantes, que podem ser discutidos pela sociedade através da arte. Além de ser uma chance de fazer uma comunicação mais acessível, implementando técnicas e ferramentas, a fim de promover o acesso à informação no Brasil.

Outro ponto que pode ser destacado é a importância de um programa como esse para o cenário cultural de Brasília e também para a imprensa local. Por muitos anos a TV Cultura só teve programação nacional, ou seja, nasce um novo espaço para a promoção da informação, no qual artistas locais podem ter o destaque que merecem.

O *Cultura no Quadrado* é o segundo programa de TV em sua categoria, sendo a Agenda

Cultural, o primeiro, veiculado pela Rede Globo de televisão. Para produtores, assessores e jornalistas do setor cultural, o novo programa é considerado uma vitória.

O telejornal como um todo, desde sua formatação, roteiro, produção, direção e pautas são de minha autoria, além da apresentação. Então, com a proposta aceita, o primeiro desafio foi criar um episódio piloto, modelo que seria seguido nas próximas edições, utilizando os conceitos de comunicação acessível.

Falar sobre cultura em uma grande emissora exige responsabilidade social. Portanto, antes de veicular o programa em seu formato padrão, que são 2 blocos de 15 minutos, optei por realizar e transmitir uma grande reportagem sobre inclusão e acessibilidade, a partir da ótica jornalística, mas também através das concepções de pessoas com deficiência, os entrevistados.

A reportagem foi formada a partir de três etapas: apuração, entrevistas e conclusão. O resultado do projeto que será destrinchado no presente memorial, já é de conhecimento público. O telejornal estreou no canal 5.1, TV Cultura Brasília, dia 14 de setembro, às 19h.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

O acesso à cultura, assim como o acesso à informação, é um direito de todos. Ainda assim, existe um ruído, onde informações do setor cultural de Brasília não chegam à população em geral. Esse fenômeno, muitas vezes, se justifica porque os telejornais acabam dando mais ênfase para projetos já populares.

Claramente, a seleção de pautas segue o conceito de valor notícia, porém é preciso democratizar os espaços de comunicação, voltados à cultura. Assim, nasce a ideia de um telejornal de cultura com espaço para toda produção local, com debates e entrevistas. Um produto que seria revolucionário em seu formato e conteúdo.

Quando se fala sobre comunicar para todos os públicos, logo se pensa em acessibilidade, outro fator pouco trabalhado em telejornais. Vale destacar, que a acessibilidade vai além de ferramentas, libras ou audiodescrição. A forma como se fala e os termos utilizados por jornalistas em relação a pessoas com deficiência, também podem contribuir para a desinformação da população.

Obviamente, algumas produções podem ser inacessíveis devido ao valor atribuído, mas quando deixamos as questões financeiras de lado, surge o questionamento: como seria um programa cultural acessível para todos? Quais recursos podem ser utilizados para promover a inclusão através da comunicação?

Essas questões também são base para o episódio piloto do programa. Desta forma, nasce o questionamento "A cultura é, de fato, acessível para todos?". Delimitando esse conceito de todos que seria muito abrangente, o questionamento passa a ser: O cenário cultural está preparado para receber pessoas com deficiência?

Ao mergulhar nesse universo, fica evidente que não se trata apenas de ter recursos de acessibilidade disponibilizados para que PCDs possam se locomover dentro do evento, é também saber se estes se sentem incluídos dentro dessas produções. Mas afinal, o que é a inclusão? Existem leis que garantem o acesso a pessoas com deficiência à cultura?

3. JUSTIFICATIVA

Como aponta o artigo 27º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que completa 74 anos, neste ano de 2022:

"Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir e participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam. Todos têm direito à proteção dos interesses morais e materiais ligados a qualquer produção científica, literária ou artística de sua autoria."

Em outras palavras, a cultura é um direito de todos. Porém, nem todos têm acesso aos aparelhos e produções culturais. Neste memorial trato de três situações que corroboram com essa problemática: Acessibilidade, Inclusão e a Desinformação.

É de conhecimento geral, a importância dos meios de comunicação para a democratização das informações. Na capital federal, por exemplo, existe uma demanda por espaços de mídia gratuita, para o setor cultural. Anualmente, o Fundo de Apoio à Cultura do DF (FAC-DF) apoia mais de 600 projetos, sendo que em 2021 foram quase 1.000.

Desta forma, tanto do ponto de vista social quanto do econômico – devido à possibilidade de ações comerciais e patrocínios pelos agentes do setor – era imprescindível a veiculação de um programa cultural pela TV Cultura Brasília. Até mesmo, para cumprir com o propósito da emissora de reconhecimento nacional, o fomento à cultura no Brasil.

Colocando em voga o fato de que o acesso à informação e comunicação é um direito de todos, previsto na Lei nº 12.527, são raros os sites, programas de TV e jornais que possuam recursos de acessibilidade, assim como estudos que discorrem sobre o tema.

Pessoalmente, sempre estive atenta à situação das pessoas com deficiência, em especial a auditiva. Segui toda a minha trajetória educacional em escola inclusiva e tenho um irmão considerado deficiente auditivo. Desta forma, sempre foi claro como a falta de informação e inclusão podem causar sofrimento.

Até o diagnóstico, meu irmão foi repreendido por não estar atento às aulas e não conseguir

desenvolver as atividades. Até que um profissional verdadeiramente instruído optasse por observá-lo ao invés de apontar suas falhas. Assim, foi possível identificar que como sua professora falava de costas para a turma, era impossível para ele fazer a leitura labial, habilidade desenvolvida por ele para compreender as pessoas. Atualmente, ele é um dos melhores alunos da turma.

Com isso, quero dizer que tratamento digno não deveria ser uma exceção. Intérpretes de libras, profissionais capacitados, cada um no seu ramo deveriam estar disponíveis em todos os ambientes do setor público. Se igualdade é uma preocupação de todos, este conceito se estende para todos os setores do Distrito Federal e do Brasil.

Em um país onde a segunda língua oficial é Libras, pela quantidade de pessoas com deficiência auditiva, é inadmissível não pensar em formas de inclusão dos mesmos, em espaços públicos e também na comunicação. Entre as funções do jornalista, está o dever de questionar e denunciar. Sendo assim, além de cumprir com estes preceitos, a possibilidade de trazer esclarecimentos e provocar melhorias a essa parcela da sociedade que ainda não tem acesso a todos os seus direitos, justificam este trabalho.

4. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

4.1. OBJETIVO GERAL

Criação de um projeto de programa de cultura no Distrito Federal, sendo o episódio piloto a tradução dos conceitos de acessibilidade e inclusão, além do modelo padrão que deve ser seguido.

4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para atingir o objetivo central deste projeto, outros objetivos seriam: Criar o projeto editorial do programa; criar a pauta de reportagem para o episódio piloto; apurar as informações; fazer leituras complementares para a sustentação teórica do projeto; realizar entrevistas e por fim, editar o material final.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1. CULTURA

Para nortear o projeto, primeiro é preciso definir o que é a cultura. Antropologicamente, esse termo pode ser definido como a rede de significados que dão sentido ao mundo que cerca um indivíduo, em outras palavras, a sociedade. Essa rede engloba um conjunto de diversos aspectos, como crenças, valores, costumes, leis, moral, línguas, entre outros. Desta forma pode-se inferir que é impossível que um indivíduo não tenha cultura, afinal, ninguém nasce e permanece fora de um contexto social, independente de qual seja.

O papel da cultura, tanto do recorte trabalhado, como no panorama geral, tem muita importância para o cotidiano das pessoas. Quando pensado como processo, ela atua como sujeito social e reforça laços, estimula a conquista de autoestima, produz pensamento sobre o lugar de cada um na rua, no bairro, na cidade, no país, no mundo, abrindo-se à possibilidade de transformar e de democratizar esse processo (SALLES, 2004). Nesse sentido, (MORIN, 1975) completa:

[...] uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturamos instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade). (MORIN, 1975, p.10-11)

Brasília, como já foi mencionado, tem como um de seus principais alicerces a cultura. A cada dia, o mercado da economia criativa emprega mais pessoas e produções de diferentes origens são concretizadas diariamente no Distrito Federal, um museu a céu aberto, como muitos gostam de chamar.

Por serem oriundos de diferentes regiões, os habitantes não deixam de tentar transplantar os costumes e rituais de suas origens. Esta preocupação transforma a cidade em uma espécie de síntese do país. As tradições populares de todos os recantos são revitalizadas em Brasília, sendo transformadas por um inevitável sincretismo. Tal síntese não deixa de corresponder à utopia de Juscelino Kubistchek de construir uma capital capaz de ser um forte

fator de integração nacional. (LARAIA, 1996, p.6).

5.2. PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Considera-se pessoa com deficiência o indivíduo que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Como estabelece a Lei nº13.146, de 6 de Julho de 2015, a acessibilidade para pessoas com deficiência, consiste na possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida.

No que diz respeito a cultura, esporte, lazer e turismo, a mesma legislação prevê, no artigo 42, o acesso de forma igualitária:

Art. 42. A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso:

I - a bens culturais em formato acessível;

II - a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível; e

III - a monumentos e locais de importância cultural e a espaços que ofereçam serviços ou eventos culturais e esportivos.

§ 1º É vedada a recusa de oferta de obra intelectual em formato acessível à pessoa com deficiência, sob qualquer argumento, inclusive sob a alegação de proteção dos direitos de propriedade intelectual.

§ 2º O poder público deve adotar soluções destinadas à eliminação, à redução ou à superação de barreiras para a promoção do acesso a todo patrimônio cultural, observadas as normas de acessibilidade, ambientais e de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

Art. 43. O poder público deve promover a participação da pessoa com deficiência em atividades artísticas, intelectuais, culturais, esportivas e recreativas, com vistas ao seu protagonismo, devendo:

I - incentivar a provisão de instrução, de treinamento e de recursos adequados, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas;

II - assegurar acessibilidade nos locais de eventos e nos serviços prestados por pessoa ou entidade envolvida na organização das atividades de que trata este artigo; e

III - assegurar a participação da pessoa com deficiência em jogos e atividades recreativas, esportivas, de lazer, culturais e artísticas, inclusive no sistema escolar, em igualdade de condições com as demais pessoas.

Desta forma, o acesso a todos os serviços públicos e espaços deveria ser garantido de

forma a promover a igualdade. A lei não fala sobre adaptações, mas espaços preparados para receber todos os públicos.

5.3. TERMINOLOGIA DAS PALAVRAS

O termo Portador de Deficiência é considerado pejorativo, portanto, não é mais utilizado. A expressão foi substituída por Pessoa com Deficiência, após a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006).

Durante a convenção, apontou-se para o fato de que a deficiência é resultante da combinação entre dois fatores: os impedimentos clínicos que estão nas pessoas (que podem ser físicos, intelectuais, sensoriais etc.) e as barreiras que estão ao seu redor (na arquitetura, nos meios de transporte, na comunicação e, acima de tudo, na nossa atitude).

O uso incorreto do termo por comunicadores causa desinformação sobre o tema e a falta de conhecimento da população agravam o preconceito. De acordo com o autor Gordon Allport, em *The nature of Prejudice*, um estudo publicado em 1954, o preconceito é “uma atitude hostil ou preventiva a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque pertence a esse grupo, supondo-se, portanto, que possui as características contestáveis atribuídas a esse grupo” (ALLPORT, 1954/1962, p. 22 apud MANUEL; SILVA; OLIVEIRA, 2013, tradução livre).

5.4. ACESSIBILIDADE

A acessibilidade consiste na possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias por pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

De acordo com uma portaria do DF, publicada em 2018, existe na capital federal uma Política Cultural de Acessibilidade no âmbito da gestão pública de cultura da cidade, com base no previsto pela Lei Orgânica da Cultura (LOC). Em 2021, foi publicada também, a Lei Nº 6856/2021, que dispõe sobre a garantia de acessibilidade dos deficientes visuais aos projetos culturais patrocinados ou fomentados pelo GDF. Nesse sentido, é importante destacar que não

existe, até o momento, uma Política Pública de Acessibilidade Cultural em âmbito federal ou em outros Estados brasileiros.

É importante destacar que, atualmente, existem cerca de 113.642 pessoas, com dois anos ou mais, com deficiência no Distrito Federal, o que equivale a 3,9% da população. Esses dados estão de acordo com o último levantamento da Companhia de Planejamento Urbano do Distrito Federal (Codeplan). O conceito de deficiência usado equivale a todas as pessoas que responderam “tem muita dificuldade” ou “tem, não consegue de modo algum” para perguntas sobre dificuldade motora, visual, mental/intelectual e de audição.

Desta forma, a reportagem, que é o produto deste projeto, consiste em questionar como ocorre a inclusão e se existe a inclusão em eventos culturais em Brasília. O cerne desta reportagem é trazer esclarecimentos e informações à população, mostrando também como fazer uma comunicação acessível para todos os públicos.

De acordo com a lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011, que regula o acesso à informação no Brasil, no parágrafo terceiro, inciso VIII, prevê que os órgãos ou entidades do poder público e privado, que recebam recursos públicos, devem adotar medidas para garantir a acessibilidade de conteúdo para pessoas com deficiência em seus veículos de comunicação. Para tal, o Governo tem órgãos de fiscalização, que garantem que estes recursos de acessibilidade sejam implantados.

Além do mais, nas Mídias Sociais, como Facebook e Twitter, já existem ferramentas disponíveis para que o próprio usuário adapte seu smartphone ou computador com recursos de acessibilidade. Essas ferramentas, em conjunto com práticas que podem ser desenvolvidas por comunicadores, resultam na potencialização do acesso à informação no Brasil.

Legislações do mundo inteiro apontam para a necessidade de acessibilidade e, também, inclusão. A pesquisa desenvolvida para este projeto, portanto, pretende abordar estas questões, entendendo como elas se aplicam no cenário cultural de Brasília.

5.5. TELEJORNALISMO

Alguns estudiosos da comunicação acreditam que não existe uma fórmula para o telejornalismo. O comunicador ao longo de sua carreira vai descobrindo o caminho para exercer o bom jornalismo. Até porque aprender a combinar informação visual com informação auditiva, sem prejuízo em nenhuma das duas, é um grande desafio.

"Para se associar à imagem - sem redundância -, o texto precisa basicamente identificar os elementos fundamentais da notícia. Aliás, uma prioridade de qualquer texto jornalístico - independente de estilo, forma ou veículo. Mas na TV, é com palavras precisas, bem escolhidas, que o texto vai responder às seis perguntas clássicas - os elementos fundamentais de qualquer notícia: Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? Como? - e valorizar cada uma das respostas com imagens. (PATERNOSTRO, VERA ISIS; O Texto na TV, Manual de Telejornalismo, 2006. p.50)."

Ao pensar na pauta é necessária uma reflexão sobre como será o roteiro da matéria. O script obedece a uma formatação especial, necessária para cumprir duas funções básicas e importantes: servir para a leitura do apresentador e para dar orientação aos técnicos que são encarregados de pôr o jornal no ar. (MACIEL, 1995)

A preocupação com o texto para o telejornalismo também é de suma importância e deve ser pensado em sentido diferente a outros meios de comunicação, como o rádio por exemplo.

Em telejornalismo, o texto é escrito para ser falado (pelo locutor ou pelo repórter) e ouvido (pelo telespectador). (...) Quem pretende escrever em uma página (ou lauda) de telejornal precisa lembrar que o seu texto vai ser lido em voz alta por alguém. E captado (ouvido), de uma só vez, pelo telespectador. (PATERNOSTRO, VERA ISIS; O Texto na TV, Manual de Telejornalismo, 2006. p. 77 e 78).

Desta forma, a primeira etapa deste processo é a apuração. Buscar informações e checar sua veracidade é dever de todo bom jornalista. Procedimento primordial para o desfecho da reportagem.

Apura-se não apenas para (re)construir um fato e, assim, contar com mais subsídios para a construção de uma história, mas também - e por vezes, principalmente - para erguer uma barreira de proteção contra a dúvida e contra possíveis contestações quanto (SANTANA, 2009)

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O período dedicado ao desenvolvimento do produto, foi de três meses. Inicialmente, o projeto de conclusão de curso seria uma Manual de Acessibilidade, que iria listar e explicar acerca de todos os recursos disponíveis, para tornar-se um meio de comunicação acessível a pessoas com deficiência.

Este projeto inicial foi desenhado em 2018, sob a orientação da professora Márcia Marques, no estágio de pré-projeto final. Porém, concomitantemente ao desenvolvimento de um telejornal de cultura, acabou se tornando inviável a produção de dois produtos, de grande dimensão. Assim, levando em consideração a viabilidade e visibilidade, o *Cultura no Quadrado* acabou se tornando o foco. Desta forma, todos os aprendizados adquiridos na universidade, foram utilizados para sua concretização.

Para iniciar o projeto do telejornal de cultura, primeiro foi necessário o aval da emissora, concedido por seu presidente, Dino Maia. Na sequência, foi realizado um estudo para a escolha do dia de transmissão. O programa seria semanal, devido a agenda de shows, eventos e exposições da cidade, o que levou a escolha do dia.

O telejornal deveria ir ao ar nas quartas-feiras, pois seria o *timing* ideal para preparar os telespectadores para os acontecimentos culturais da semana. A estrutura pensada consistia em Agenda Cultural, Entrevistas, Debates e Bastidores de eventos. Todo esse conteúdo deveria ser distribuído dentro de no máximo 30 minutos, que deveriam ser divididos em 2 blocos para um espaço comercial.

O horário também foi escolhido a partir de dados da própria emissora, que apontavam uma boa audiência no período da noite. Então, após o jornal local, às 19h, vai ao ar semanalmente o *Cultura no Quadrado*, um programa que trataria de diversão, arte e cultura.

Com espaço democrático para artistas plásticos, visuais, músicos e todos os demais agentes do setor cultural, o novo telejornal tem como objetivo tratar assuntos de importância pública através da arte, trazer visibilidade para produções locais, informar a população para que desenvolvam um pensamento crítico cultural e promover o entretenimento, tendo o cuidado de

seguir os conceitos de comunicação acessível e promover a inclusão. Estas diretrizes deveriam ser traduzidas em um episódio piloto, que seria apresentado a TV Cultura Brasília e também, a Faculdade de Comunicação da UnB.

6.1. DEFINIÇÃO DO EPISÓDIO PILOTO

Como a primeira repórter intérprete de libras do Campus Multiplataforma – Jornal-laboratório da FAC –, pensar numa reportagem que contasse com acessibilidade seria indispensável. Portanto, comecei a seguir uma metodologia de trabalho para o episódio piloto que poderia ser dividida em cinco etapas: definição da pauta, seleção das personagens (entrevistas), preparativos para as gravações (pré-produção), produção e finalização do material (pós-produção).

Inclusão, acessibilidade e comunicação eram os preceitos para conduzir a pauta, porém ainda faltava delimitar sob qual ótica o trabalho seria desenvolvido. A primeira decisão foi deixar que o personagem conduzisse a reportagem, que também cumpria a função de pesquisa.

Comecei a busca por fontes para realizar o desenho da pauta. Afunilando cada vez mais, o campo de pesquisa do meu interesse, cheguei ao tema do episódio piloto: Inclusão de Pessoas com Deficiência Auditiva no Cenário Cultural de Brasília. E a reportagem seria intitulada *Cultura Acessível*.

A pauta deveria retratar a realidade da pessoa com deficiência auditiva quando se tratava de vivências culturais. Script que poderia levar para dois caminhos, tanto reconhecendo o sucesso dos eventos quando o assunto é inclusão e acessibilidade, quanto mostrando que essa ainda é uma realidade distante.

6.2. PRÉ-PRODUÇÃO

No período de desenvolvimento do projeto, aconteceu em Brasília o Festival CoMA - Convenção de Música e Arte. Um dos poucos eventos que levantam a bandeira de inclusão no Distrito Federal. O evento foi assessorado pela Prezz Comunicação, que entrou em contato via e-mail e em seguida enviou o release do festival. Este foi o ponto de partida.

O primeiro passo foi organizar a equipe para o desenvolvimento da pauta, com cinegrafista e editor confirmado, o trabalho poderia ser começado. Entrando em contato com a assessoria do evento, foi solicitada uma entrevista com a responsável pelo setor de acessibilidade do festival, Alê Capone.

A partir da Alê Capone conseguimos contato com Luergio de Sousa, deficiente auditivo, e Patrícia Albuquerque, intérprete. Ambos foram entrevistados para o desenvolvimento do trabalho. Enquanto as datas para entrevistas eram definidas, foi solicitado à Secretaria de Governo do Distrito Federal informações a respeito do quantitativo de pessoas com deficiência no DF, legislação e ações que o governo desenvolvia para promover a inclusão.

Para completar a pauta, também foi feito contato com a Associação de Pais e Amigos do deficientes Auditivos (Apada – DF), para compartilhar suas experiências e demandas da sua comunidade.

6.3. PRODUÇÃO

As gravações das entrevistas ficaram agendadas para o dia 4 de agosto, primeiro dia do festival. Com o cinegrafista e equipamentos, nos deslocamos até o Clube do Choro, para a captação das informações. Após falar com os participantes do CoMA, seguimos para as entrevistas com o responsável pelo setor cultural da Apada-DF, Mano Dáblio, como ele se identifica.

Ao chegar no ponto de encontro com o coordenador de atividades culturais da Apada-DF, tomei conhecimento a respeito de Tatiane Elizabeth, intérprete, e Igor Andrade, Produtor Cultural, diagnosticado com autismo. Ambos foram convidados para participar do episódio piloto, a fim de fortalecer a acessibilidade na comunicação e trazer mais pontos de vistas a matéria.

De volta ao estúdio, nos dias que se seguiram foram gravados os off e as passagens, além da cabeça (abertura) e nota pé (encerramento) do programa. A finalização da produção se estendeu até o final de agosto.

6.4. PÓS-PRODUÇÃO

O período de pós-produção se iniciou em setembro. Com o material bruto gravado e armazenado, foi o momento de realizar o script do programa e o timecode das gravações. A partir dessas definições foi possível selecionar as imagens de cobertura e a trilha sonora do episódio piloto.

Com todo o material reunido, o projeto foi enviado à ilha de edição. As cores e vinhetas do programa já haviam sido definidas pela TV Cultura, devido a sua identidade visual. Neste momento, também ficou decidido que nos momentos em que não houvesse intérpretes, o programa também contaria com legendas automáticas como recurso de acessibilidade.

Assim que o material foi finalizado, segundo as diretrizes estabelecidas no script do programa, as legendas foram adicionadas e uma revisão minuciosa foi realizada até que o material chegasse à versão final, que foi encaminhada à professora Márcia Marques para considerações finais. Dia 14 de setembro de 2022, o programa foi ao ar pela TV Cultura Brasília.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, foi possível concluir que a construção de um telejornal é um processo constante. Apesar do projeto piloto ser o ideal, é sempre importante estar em constante evolução. Sem mencionar que a partir do momento que um projeto como este toma corpo, ele se integra à vida de outras pessoas. Os telespectadores querem ser ouvidos, e não há nada perfeito que não possa ser melhorado.

Brasília ansiava por um produto como este. Artistas, assessores de comunicação, produtores e empresários do setor cultural, comemoraram a estreia do mais novo programa de cultura da cidade. Porém, para manter um produto como este no ar, ser idealista pode ser um desafio. É preciso achar um ponto de equilíbrio entre o telejornal dos sonhos e o telejornal que vende.

A partir deste projeto também é possível inferir que não só em produções culturais, mas em Brasília como todo, falta inclusão e acessibilidade. Apesar da legislação distrital vigente, muitos eventos ainda não cumprem com os requisitos para receber pessoas com deficiência.

O enfoque da reportagem era apenas pessoas com deficiência auditiva e inclusão voltada para o cenário cultural, porém o desenvolvimento do trabalho foi ganhando autonomia e acabou retratando outras problemáticas, além das previstas.

A falta de acessibilidade e inclusão no DF fica evidente logo na pré-produção da reportagem, quando o Governo do Distrito Federal informa que não tem o quantitativo de pessoas com deficiência na cidade. Segundo o GDF, a Secretaria da Pessoa com Deficiência está em processo de formação de Cadastro Único. Os dados fornecidos foram oferecidos pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan).

A falta de dados específicos, levantam questionamentos como "Como serão criadas políticas públicas ou ações de promoção à inclusão, sendo que mal se sabe quantas pessoas com deficiência existem na capital do país?".

Se a mesma informação for olhada sob a ótica da saúde, como campanhas de conscientização, tratamento adequado ou qualquer suporte podem ser oferecidos sem dados específicos? Como Brasília se prepara para atender e acolher um público desconhecido?

Vale ressaltar que os dados gerais apresentados pela Codeplan correspondem a todas as pessoas que responderam: "tem muita dificuldade" ou "tem, não consegue de modo algum" para perguntas sobre dificuldade motora, visual, mental/intelectual e de audição. Ou seja, um recorte geral que não diz nada a respeito do grau de deficiência de cada cidadão.

Outro ponto que corrobora para a conclusão mencionada é a pergunta inicial feita em todas as entrevistas: Você se sente incluído na sociedade? Quando a resposta não é negativa, como no caso do Igor Andrade, ela é otimista no sentido de que Brasília está a frente de outros estados.

Falta de intérpretes nos aparelhos públicos ou profissionais capacitados e a falta de informação a respeito das deficiências como um todo foram as principais necessidades apontadas pelos entrevistados.

Outro entendimento que é possível inferir a partir deste trabalho é como a área de comunicação pode fazer mais por essa parte significativa da população. No caso das pessoas com deficiência auditiva, é a falta de comunicação que gera a maioria dos problemas. Muitos comunicadores ainda contribuem para a desinformação, porque a inclusão começa a partir dos termos que são utilizados para se referir a PCDs.

A segunda língua oficial do Brasil é Libras, porém poucos sabem falar. Nos hospitais, deficientes auditivos precisam escrever. As legendas são uma ferramenta que colabora com a acessibilidade. Porém, o que muitos não entendem é que Libras é uma língua diferente do português, com semelhanças, mas com outras estruturas. Quando um surdo escreve ou lê algo em português, ele precisa usar sua segunda língua, o que pode acabar gerando ruídos na transmissão da informação.

Se o acesso à informação é um direito de todos, previsto em lei, porque a desinformação é referência quando se trata de pessoas com deficiência? A inclusão não consiste em adaptar produtos, meios e espaços para serem acessíveis a PcDs, mas sim fazer com que todos pertençam aos mesmos espaços apesar de suas diferenças, este sim é o conceito de inclusão.

Em suma, a reportagem *Cultura Acessível* mostra as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com Deficiência no Distrito Federal, que muitas vezes não conseguem atendimento nas esferas públicas, nem nas privadas, assim como muitas vezes não têm espaço em produções culturais. Brasília é referência em acessibilidade, porém, comparado ao que é idealmente o correto, suas ações são apenas o mínimo do que deveria ser implementado.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. A. Entretenimento: valor-notícia fundamental. Estudos em Jornalismo e Mídia. Ano V, n. 1, p.13 – 23, jan. – jun. 2008. Disponível em <http://revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/view/5556/5043>, acesso: 07 de novembro de 2014

CENSO DE 2010. Percentual de pessoas com deficiência. <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=df&tema=censodemog2010_defic>.

Acesso em: 26, ago. 2022.

CAMARGO, s.p.h; BOSA, c.a; **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura**. In: Psicologia & Sociedade; 2009 21 (1): p 65-74

LAGE, Nilson. A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro:Record, 7a Ed, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 11. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. <<http://www.planalto.gov.br/>> Acesso em 05, set. 2022.

MENDEL, Toby. Liberdade de informação: um estudo de direito comparado. Brasília: UNESCO, 2009.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX : o espírito de tempo. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1975.

MACIEL, Pedro. Jornalismo de Televisão. 1995. Ed. Sagra-luzzato, 1995.

ONG ARTIGO 19. Disponível: < <http://artigo19.org/>>. Acesso em 01, ago. 2022

PATERNOSTRO, Vera Isis. O Texto na TV, Manual de Telejornalismo. São Paulo, CAMPUS, 2006.

PIGNATARI, DÉCIO. Signagem da Televisão. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTANA, ADRIANA. Cultura midiática. Revista do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade federal da Paraíba. Vol. II, n. 1 - jan./jun./2009.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão**. In: Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, ano 5, n. 24, jan./fev. 2002, p. 6-9

TRANSPARÊNCIA PÚBLICA. Disponível em: < <http://www.cgu.gov.br/>>. Acesso em 29, ago. 2022.

VIEIRA, Suellen; PEREIRA, Ariane. **A Deficiência nas páginas do jornal Folha de Londrina: analisando o discurso da inclusão.** In: Mídia Cidadã 2009 – V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, 2009. Guarapuava. Anais. Guarapuava, 2009 p. 7-29.

9. APÊNDICES

9.1. PAUTA

Universidade de Brasília.

Faculdade de Comunicação.

Andressa Cardoso Alves dos Reis

140016376

Pauta: Inclusão de pessoas com deficiência auditiva no cenário cultural de Brasília

Apresentação:

Como temas relacionados à inclusão sempre estiveram relacionados a minha vida, o que também foi levado adiante dentro da universidade, surgiu a ideia de finalizar a graduação com um trabalho que abordasse o assunto. Libras é a segunda língua oficial no Brasil, mas é visível que poucos a conhecem, o que gera uma série de problemáticas para deficientes auditivos. Estudei em escola inclusiva e agora atuo profissionalmente na área de cultura. Desta forma, o questionamento sobre como funciona a inclusão e se existe a inclusão em eventos culturais em Brasília foram tomando forma. Portanto, a ideia dessa reportagem é trazer esclarecimentos e informações à população, de forma acessível para todos os públicos.

Enfoque:

Mostrar eventos culturais que inclusivos, que seriam o ideal e também como está o cenário de Brasília em relação a participação de pessoas com deficiência auditiva em festas, shows e exposições.

Hipóteses:

Como seria um evento cultural inclusivo? Quais legislações preveem a inclusão de pessoas com deficiência auditiva em eventos culturais? Quais ambientes culturais os surdos costumam visitar e aproveitar sua vida social? Em Brasília têm eventos inclusivos? Quais são as dificuldades dos deficientes auditivos em eventos culturais?

9.2. DEMANDA SECRETARIA DE CULTURA DO DF

Demanda - TV Cultura Brasília

Entrada



eu 4 de ago.
para imprensa ▾



Prezados(as),

Estamos produzindo sobre inclusão de pessoas com deficiência auditiva em eventos culturais do DF. Segue alguns questionamentos:

1 - Qual o quantitativo de pessoas com deficiência no Distrito Federal?

2- Qual o quantitativo de pessoas com deficiência auditiva no Distrito Federal?

3 - Quais ações a secretária de cultura desenvolve para promover a inclusão de pessoas com deficiência em eventos culturais no DF?

4 - Qual seria um exemplo de evento produzido pela secretária de cultura totalmente inclusivo?

Deadline: Sexta-feira(5), 10h



Subsecretaria de Relações... 4 de ago. ↩ ...
para mim ▾

Prezada,
Seguem as respostas:

A Secretaria da Pessoa com Deficiência está em processo de formação do Cadastro Único da Pessoa com Deficiência (CadPCD). Além de servir para o cidadão requerer benefícios no âmbito do DF, esse banco de dados permitirá com que a pasta tenha um panorama mais atualizado sobre o público com deficiência que mora em Brasília e nas regiões administrativas, por tipo de deficiência, situação socioeconômica, dentre outros recortes.

No entanto, há os dados da Codeplan: são 113.642 pessoas com dois anos ou mais com deficiência no Distrito Federal, o que equivale a 3,9% da população.

O conceito de deficiência usado equivale a todas as pessoas que responderam "tem muita dificuldade" ou "tem, não consegue de modo algum" para perguntas sobre dificuldade motora, visual, mental/intelectual e de audição.

3 - Quais ações a **Secretária de Cultura** desenvolve para promover a inclusão de pessoas com deficiência em eventos culturais no DF?

Foi publicada, em 2018, uma portaria que institui a Política Cultural de Acessibilidade no âmbito da gestão pública de cultura do Distrito Federal, com base no previsto pela Lei Orgânica da Cultura (LOC). Nesse sentido, é importante destacar que não existe, até o momento, uma Política Pública de Acessibilidade Cultural em âmbito federal ou em outros Estados brasileiros, o que torna a referida Portaria do DF pioneira no país. Em 2021, foi publicada também a Lei Nº 6856/2021, que dispõe sobre a garantia de acessibilidade dos deficientes visuais aos projetos culturais patrocinados ou fomentados pelo GDF.

Assim, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF (Secec) tem realizado diversas ações no sentido de garantir a implementação dessas políticas, como a reserva de vagas para pessoas com deficiências e a exigência de instrumentos de acessibilidade em seus editais de chamamentos públicos, termos de fomentos e de colaboração, acordos de patrocínio privado, entre outros.

O FAC é um exemplo disso. Na Análise do Mérito Cultural, que avalia os aspectos relevantes de cada projeto cultural, existem quesitos de pontuação que prestigiam esse público, como contratação e inclusão de pessoas com deficiência e geração de impacto social para esse grupo. Os editais do FAC também preveem que todos os proponentes devem apresentar em seus projetos estruturas físicas e/ou logísticas acessíveis para pessoas com mobilidade reduzida ou deficiência, seja auditiva, visual, motora ou intelectual, assim como oferecer pelo menos um instrumento de acessibilidade comunicacional, tais como interpretação em libras ou áudio descrição.

No FAC Brasília Multicultural II 2022, lançado no último mês, 14% das vagas está reservado para projetos apresentados por proponentes que sejam pessoas com deficiência. No primeiro edital deste ano, houve também uma linha de ação exclusiva para a Arte Inclusiva, para a apresentação de projetos culturais concebidos e desenvolvidos por e/ou para pessoas com deficiência.

Ainda nesse esforço de promover a plena acessibilidade cultural para pessoas com deficiência em suas ações e equipamentos, a Secec contratou, em parceria com a UNESCO, um projeto que visa estabelecer diagnósticos, estudos e propor melhorias nas políticas públicas voltadas para essa população e que está, atualmente, em fase de execução.

4 - Qual seria um exemplo de evento produzido pela **secretária de cultura** totalmente inclusivo?

Como exemplo de projeto fomentado pela Secretaria e que tenha se destacado pela atenção à questão da acessibilidade e inclusão, podemos mencionar o Festival de Orquestras Populares, realizado pelo Instituto Janelas da Arte, com apoio do FAC-DF. O evento ofereceu intérprete de libras para acompanhar todas as apresentações; transportou e recebeu deficientes visuais em área acessível e com apoio de áudio descrição; e também implantou um tablado especial na frente do palco e das caixas de som, permitindo que os deficientes auditivos pudessem sentir a música por meio da vibração.

Atenciosamente,

9.3. ESPELHO DO EPISÓDIO PILOTO

Espeelhos x

Existem dados não-salvos na sua sessão local.

TVC NOTICIA 31/08/2022 x 02 - BOL FESTIVAL COMA x +

CAVT BOLT FESTIVAL COMA Mais... Fechar Salvar

Editor Repórter

Cabeça: 01:07 VT: 00:00 Off: 00:51 Total: 01:07

(Adicionar Video)

[AMÉRICA MELO] 00:35
SEJAM BEM-VINDOS E REM-VINDAS A PRIMEIRA EDIÇÃO DO CULTURA NO QUADRADO.///UM PROGRAMA QUE VAI TRAZER PRA VOCÊS A AGENDA CULTURAL, COM OS PRINCIPAIS EVENTOS DA CIDADE. DEBATES E ENTREVISTAS COM AS PERSONALIDADES DO CENÁRIO CULTURAL DE BRASÍLIA.///E HOJE VAMOS FALAR DE UM ASSUNTO MUITO IMPORTANTE.///INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE./// ANTES DE COMPARTILHAR SOBRE FESTAS E SHOWS, BUSCAMOS SABER SE ESTES AMBIENTES SÃO, DE FATO, PARA TODOS./// CONFIRA A REPORTAGEM.///
(Adicionar cabeça)

(Adicionar VT)

(Adicionar NC)

[NOTA PÉ]
[AMÉRICA MELO] 00:32
A CULTURA NÃO SÓ PODE SER INCLUSIVA, COMO DEVE SER./// COMO VIMOS, APESAR DA LEGISLAÇÃO, NEM TODOS OS AMBIENTES SÃO PREPARADOS PARA RECEBER PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, NÃO SÓ EM EVENTOS, COMO TAMBÉM EM SERVIÇOS PÚBLICOS./// A INCLUSÃO AINDA PARECE UMA REALIDADE DISTANTE, MAS DEVEMOS CONTINUAR BUSCANDO E FAZENDO A NOSSA PARTE./// O CULTURA NO QUADRADO VAI FICANDO POR AQUI, EU SOU ANDRESSA REIS E AGRADEÇO PELA SUA AUDIÊNCIA.///